

# Cora Coralina – Minha Infância

Éramos quatro as filhas de minha mãe.  
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.  
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.  
Devia ser a última, no entanto,  
veio outra que ficou sendo a caçula.

Quando nasci, meu velho Pai agonizava,  
logo após morria.  
Cresci filha sem pai,  
secundária na turma das irmãs.

Eu era triste, nervosa e feia.  
Amarela, de rosto empalamado.  
De pernas moles, caindo à toa.  
Os que assim me viam – diziam:  
“- Essa menina é o retrato vivo  
do velho pai doente.”

Tinha medo das estórias  
que ouvia, então, contar:  
assombração, lobisomem, mula-sem-cabeça.  
Almas penadas do outro mundo e do capeta.  
Tinha as pernas moles  
e os joelhos sempre machucados,  
feridos, esfolados.  
De tanto que caía.  
Caía à toa.

Caía nos degraus.  
Caía no lajedo do terreiro.  
Chorava, importunava.  
De dentro a casa comandava:  
“- Levanta, moleirona.”

Minhas pernas moles desajudavam.

Gritava, gemia.

De dentro a casa respondia:

“- Levanta, pandorga”.

Caía à toa...

nos degraus da escada,

no lajeado do terreiro.

Chorava. Chamava. Reclamava.

De dentro a casa se impacientava:

“- Levanta, perna-mole...”

E a moleirona, pandorga, perna-mole  
se levantava com seu próprio esforço.

Meus brinquedos...

Coquilhos de palmeira.

Bonecas de pano.

Caquinhos de louça.

Cavalinhos de forquilha.

Viagens infindáveis...

Meu mundo imaginário

mesclado à realidade.

E a casa me cortava: “ menina inzoneira!”

Companhia indesejável – sempre pronta

a sair com minhas irmãs,

era de ver as arrelias

e as tramas que faziam

para saírem juntas

e me deixarem sozinha,

sempre em casa.

A rua... a rua!...

(Atração lúdica, anseio vivo da criança,

mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)

– proibida às meninas do meu tempo.

Rígidos preconceitos familiares,

normas abusivas de educação

– emparedavam.

A rua. A ponte. Gente que passava,  
o rio mesmo, correndo debaixo da janela,  
eu via por um vidro quebrado, da vidraça  
empanada.

Na quietude sepulcral da casa,  
era proibida, incomodava, a fala alta,  
a risada franca, o grito espontâneo,  
a turbulência ativa das crianças.

Contenção... motivação... Comportamento estreito,  
limitando, estreitando exuberâncias,  
pisando sensibilidades.

A gesta dentro de mim...  
Um mundo heroico, sublimado,  
superposto, insuspeitado,  
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,  
acrimoniosa repisava:

“- Menina inzoneira!”

O sinapismo do ablativo  
queimava.

Intimidada, diminuída. Incompreendida.  
Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.  
Repreensões ferinas, humilhantes.

E o medo de falar...

E a certeza de estar sempre errando...

Aprender a ficar calada.

Menina abobada, ouvindo sem responder.

Daí, no fim da minha vida,  
esta cinza que me cobre...

Este desejo obscuro, amargo, anárquico  
de me esconder,  
mudar o ser, não ser,

sumir, desaparecer,  
e reaparecer  
numa anônima criatura  
sem compromisso de classe, de família.

Eu era triste, nervosa e feia.  
Chorona.

Amarela de rosto empalamado,  
de pernas moles, caindo à toa.  
Um velho tio que assim me via  
dizia:

“- Esta filha de minha sobrinha é idiota.  
Melhor fora não ter nascido!”

Melhor fora não ter nascido...  
Feia, medrosa e triste.  
Criada à moda antiga,  
– ralhos e castigos.  
Espezinhada, domada.  
Que trabalho imenso dei à casa  
para me torcer, retorcer,  
medir e desmedir.  
E me fazer tão outra,  
diferente,  
do que eu deveria ser.  
Triste, nervosa e feia.  
Amarela de rosto empapuçado.  
De pernas moles, caindo à toa.  
Retrato vivo de um velho doente.  
Indesejável entre as irmãs.

Sem carinho de Mãe.  
Sem proteção de Pai...  
– melhor fora não ter nascido.

E nunca realizei nada na vida.  
Sempre a inferioridade me tolheu.  
E foi assim, sem luta, que me acomodei

na mediocridade de meu destino.

**Cora Coralina, Melhores Poemas, Seleção Darcy França Denófrio**